

V SIANCO



## SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ANÁLISE COGNITIVA 15 a 19 de setembro de 2025

Temática: O campo multirreferencial da Análise Cognitiva: Tendências e desafios na atuação profissional

Organização Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento



### ARTIGO CIENTÍFICO

**EIXO TEMÁTICO:** Educação, Difusão do Conhecimento e Multirreferencialidade

### CAFRO Jr.: educação não escolar, afroempreendedorismo e formação docente no Recôncavo baiano

<sup>1</sup> Suelen Gonçalves Queiróz da Paixão

<sup>2</sup> Maria de Fátima Hanaque Campos

Adriana do Carmo Correa Gonçalves —<sup>3</sup>

### INTRODUÇÃO

A experiência que apresentamos neste artigo nasce do chão fértil da extensão, lugar em que universidade e comunidade se encontram para criar conhecimento em diálogo. Entre 2019 e 2023, o Campus Santo Amaro do Instituto Federal da Bahia (IFBA) foi palco da criação do projeto CAFRO Jr. – Empresa Júnior Afro de Computação. Diferente de modelos

<sup>1</sup> Professora IFBA- Instituto Federal da Bahia

<sup>2</sup> Professora da Universidade Estadual da Bahia

<sup>3</sup> Professora Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)

tradicionais de empresa júnior, a CAFRO Jr. foi pensada como uma ação afirmativa, enraizada no reconhecimento da presença negra na ciência e na computação. Seu propósito foi formar professores e profissionais em diálogo com os territórios, especialmente as comunidades negras e quilombolas do Recôncavo baiano.

O recorte racial assumido pelo projeto articulou pedagogia crítica, tecnologia e afroempreendedorismo, compreendendo que a docência não se limita aos muros escolares, mas se realiza também nos encontros com pescadoras, marisqueiras, jovens empreendedores e idosos que partilham seus saberes. A CAFRO Jr. inscreve-se, assim, no campo da educação não escolar, mobilizando práticas solidárias, tecnologias sociais e metodologias insurgentes como caminho de formação docente comprometida com a transformação social.

## **DESENVOLVIMENTO**

A noção de educação não escolar sustenta o trabalho da CAFRO Jr. como espaço legítimo de formação. Severo e Gohn (2009) apontam que a educação não escolar abarca práticas educativas fora do sistema formal, mas que possuem intencionalidade e estrutura própria, vinculadas a processos sociais e culturais. Moura e Zuchetti (2017) reforçam que não se trata de improviso, mas de uma ação educativa organizada para atender a demandas territoriais específicas. Nesse horizonte, a pedagogia freireana (FREIRE, 1996) inspirou a CAFRO Jr. como prática da liberdade, ancorada no diálogo e na escuta. A perspectiva multirreferencial (MORIN, 2005) permitiu ler o projeto como um campo de interações complexas entre ciência, cultura, economia e tecnologia. Esse olhar encontra ressonância nas Epistemologias do Sul (SANTOS, 2019), que denunciam o apagamento histórico dos saberes produzidos nas margens, e nas reflexões de Milton Santos (2000), que reivindicam o direito ao território como condição de conhecimento. Ao mesmo tempo, Libâneo (2012) recorda o papel do pedagogo como mediador de linguagens e tradutor entre ciência e vida cotidiana.

Nesse sentido, o aporte teórico do projeto entrelaça pedagogia crítica, epistemologias decoloniais e análise cognitiva multirreferencial, buscando entender como a docência pode emergir de práticas comunitárias e produzir encantamento e reexistência. Optamos por caminhar por uma metodologia qualitativa, construída em diálogo constante com os sujeitos da pesquisa. Estudantes, professores e membros das comunidades foram considerados coautores do processo formativo. O ponto de partida foi o mapeamento social, que nos permitiu ouvir as demandas das comunidades negras e quilombolas.

A partir dessa escuta, planejamos coletivamente oficinas de afroempreendedorismo, formações em economia solidária, atividades de letramento racial e digital, além de consultorias para empreendimentos comunitários. Uma das ações mais potentes resultou na criação do protótipo da plataforma digital 'Mariscar: Conexão Quilombola', concebida junto às marisqueiras para ampliar a comercialização de seus produtos. Produzimos também podcasts com temáticas antirracistas, realizamos oficinas de marketing digital e atividades de inclusão intergeracional, em que jovens ensinaram o uso de aplicativos a idosos, fortalecendo vínculos e compartilhando aprendizados.

Essa metodologia, além de prática, revelou-se uma opção ética e política, alinhada à perspectiva multirreferencial, ao integrar dimensões técnicas, culturais e afetivas no processo de ensinar e aprender.

Os resultados alcançados foram múltiplos. Para as comunidades, houve fortalecimento de redes produtivas, maior visibilidade para empreendimentos negros, apropriação de ferramentas digitais e valorização da identidade local. Para os estudantes, a experiência provocou uma resignificação do papel docente, visto não apenas como transmissor de conteúdos, mas como mediador cultural e político. No âmbito institucional, o projeto contribuiu para a curricularização da extensão, reforçando que a formação em licenciatura precisa dialogar com

práticas educativas não escolares.

Interpretando a experiência à luz da análise cognitiva multirreferencial, compreendemos que a 'tecnodocência afrocentrada' – prática docente que mobiliza tecnologias a partir de epistemologias negras – promove deslocamentos no campo da educação. A tecnologia deixou de ser mero recurso e passou a ser entendida como mediação cultural e política, capaz de conectar saberes comunitários e científicos. Essa prática revelou a importância de metodologias de encantamento, nas quais memória, arte e pertencimento operam como dispositivos cognitivos de aprendizagem.

## **CONCLUSÃO**

A CAFRO Jr. demonstrou que a docência pode ser reinventada quando enraizada nos territórios e aberta ao diálogo com os saberes das comunidades. Mais do que um projeto de extensão, foi um espaço de criação coletiva e de invenção de futuros possíveis. Ao articular afroempreendedorismo, tecnologia e ancestralidade, reafirmou que a educação não escolar é campo legítimo de formação docente e espaço privilegiado de difusão do conhecimento em chave decolonial.

A experiência aponta a necessidade de ampliar políticas institucionais de apoio a iniciativas como essa, capazes de fortalecer a presença negra nos campos da ciência e da tecnologia e de inspirar novos arranjos curriculares nas licenciaturas. Concluímos que práticas formativas que integram escuta, afeto e justiça social podem contribuir para a construção de uma docência insurgente, multirreferencial e comprometida com a transformação.

## **REFERÊNCIAS**

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos, para quê? São Paulo: Cortez, 2012.

MORIN, Edgar. Introdução ao pensamento complexo. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MOURA, Dione; ZUCHETTI, Beatriz. Educação não escolar: campo em expansão e desafio à formação docente. Revista Educação em Questão, v. 55, n. 43, p. 65-84, 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SEVERO, Luciano; GOHN, Maria da Glória. Educação não formal e cultura política: impactos sobre a cidadania no Brasil. São Paulo: Cortez, 2009.